

## a surpresa de ser (o que não se é)

Wilson Chagas

Preocupa-se com o “outro lado” das coisas, do corpo nu... Há o “lado que se vê” (corporal) e o outro. O corpo, diz êle

*só é corporal e inteiro  
no que nêle não se vê.*

Portanto, no ponto em que desaparece o corpo, ou em que êste se confunde com a alma.

*Nudez bem cheia  
sempre termina  
se destruindo  
na própria teia,*

*porque o avistado  
que é sempre próximo  
tem sempre um lado,  
que é o outro lado.*

Nudez cheia é nudez compacta. Que não deixa ver outra coisa, absorve a visão. É contra uma tal nudez que o poeta se premune — na medida em que se sente por ela, quase irresistivelmente atraído. Precisa negar o que vê, para ignorá-la. Ou fazê-lo recuar — vendo-a pelo “outro lado” que ela tem. Fica, pois — refugia-se — no que não se vê. É essa a sua contradição maior. Precisa negar o que vê, para ver-se a si mesmo como pretendeu ser. A contradição está no *sentir*, que não pode ocultar de si mesmo. Dentro dêle há um coração que palpita, há fome de ser e de existir. Daí a clausura em que se fecha (no seu próprio hábito), e a evasão que procura negar-se. Como se fôsse realmente livre permanecendo onde está e como está. Eis o conflito fundamental que transparece na poesia de Armindo Trevisan, cujo livro de estréia, *A Surpresa de Ser*, resultou de uma premiação em concurso, de âmbito nacional, e teve como julgadores os poetas, também críticos, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo e Carlos Drummond de Andrade<sup>1</sup>.

A contradição, ou conflito, que apontamos, é entre o puramente espiritual, sem mescla de matéria profana ou mundanal, e o que é “Natureza”, reveste uma forma corporal, tem exigências próprias, de vida individual. Não se estabelece, para o poeta, uma conexão dialética entre Espírito e Natureza, atividade e passividade. Não “casam” os contrários, em sua concepção (religiosa) da vida e do mundo. O que é “puro” se acha fora do mundo; e o que é mundanal, embora tenha sido sacramentado, continua irremediavelmente “profano”, como se fôsse pura matéria... Não se operou nenhuma síntese, a essa altura, pelo menos, do pensamento (expresso em poemas) de Armindo Trevisan. Daí que êle se busque, nesse livro, e permaneça, literalmente, na fase da “surpresa de ser”: corresponde ao sonho, ainda pré-existencial, de ser — no sentido de realizar — o que se quer ser. Sonho que é alvorôço, encantamento, contemplação pura. Mas o sonho, como tal, não abraça o real, não o incorpora. Pelo contrário, é uma espécie de névoa que se antepõe entre o sonhador e a realidade. A “surpresa de ser” corresponde, em Armindo Trevisan, precisamente a essa fase, digamos pré-ontológica, em que o ser não se encorpou (não se incorporou) ainda; é algo que ficou como que boiando no vazio, diante da surpresa do poeta diante de.

Nada haveria de contraditório se o poeta não sentisse (e pressentisse) em si as exigências de ultrapassamento dessa experiência. Se a sua poesia não fôsse, de alguma forma, a tomada de consciência do conflito em que vive entre a nudez sem corpo, e como tal desencarnada, e as exigências do próprio corpo, que nela se mostra para ser vista e usufruída.

O problema do “outro”, qual espôsa, êle transpõe do “corpo vivo”, para as coisas. A essência destas, diz Armindo Trevisan, “é sempre excesso”. E o que êle chama de “gênio esponsal” (p. 16) faz parte da passividade que nega, enquanto *Mater*, Natureza, princípio feminino do universo... Mas as coisas não têm seio... São elas “nascidas / de pais que nunca / coabitaram” (p. 18). Não foram geradas, está implícito; não

resultaram de nenhuma união, de nenhum seio... Pois é o “amor / desencarnado” das coisas que êle canta. Não resultando de nenhuma boda, de nenhum “casamento”, devem casar-se, porém —

*conosco, irmãos,  
que carecemos  
do seu amor  
desencarnado (p. 18).*

Quer, por isso, desmaterializar a “forma”: tudo o que se dá ao olhar assume contornos, sobretudo humanos. As coisas, diz êle, “são dignas / mais do que os homens”; e contemplam, / (...) a pouca essência / da própria forma” (p. 20).

Ama “degustar” as coisas, saboreá-las. É esta a sua aventura (confessada) que mais o empolga. Quer fruir, delas, “o lado / que ninguém vê” (p. 24). E esvai-se na tentativa, dolorosíssima, “de defender-se / fora do Mundo” (p. 34). As “coisas”, de que fala, estão fora do mundo; jazem inanimadas, diante dêle — que em reanimá-las se esmera, como se nisso estivesse sua salvação. Daí a “palpitação”, que tenta sufocar dentro de si:

*Essa esperança  
que em mim rebenta  
pode conter  
o que de balde*

*Tento conter  
na finitude  
que me floresce  
dentro do peito (p. 31).*

Oculto-se, cada vez mais, no “objetivo” das coisas, no fato de serem elas — ainda uma flor — o contrário de um ser consciente. Vejam as “Últimas palavras de um jardineiro”:

*Flor, bela flor,  
não te rebaixes  
abandonando-te  
a uma consciência,*

*Porque te negas  
se te reclinas  
no seio dela  
ou noutra seio,*

*Mas é preciso  
que tudo humildes  
com tua graça  
só objetiva,*

*Queda-te flor,  
agora e sempre:  
Se o Mundo te ama,  
que se florize! (pp. 39/40).*

Ainda que se mineralize, nesse esforço: é a conclusão do crítico.

O conflito se estabelece tanto mais quanto o poeta não admite, êle próprio, recusar sua condição terrestre, e portanto o mundo — que no entanto teme. Aliás, o poema “Fidelidade” reflete, com clareza, êste conflito. Alude, nêle, a uma “pureza antiga”, que nunca teve, e a que no entanto o seu “pobre corpo” por vêzes aspira. Corta, desde logo, uma tal aspiração: não diz porque, mas se adverte que há outra pureza, mais legítima a seus olhos, e que chega a opor à antiga virgindade. E então lhe explodem êstes versos (nas últimas nove quadras do poema) —

*É bem possível  
que eu me resigno  
a não ser puro  
jamaiz na vida*

*Que já morreram  
ou floresceram.  
Quero a pureza  
que não nasceu,*

*só porque tenho  
um tal amor  
ao que é presente  
e hoje terrestre,*

*Essa pureza  
que não meu corpo,  
mas a minh'alma  
sonha talvez,*

*Que não admito  
que o próprio Deus  
tenha saudades  
de virgindades*

*Pois há no corpo  
um permanente  
medo de ser  
o que não foi.*

*Se eu conseguir  
essa pureza  
serei fiel  
ao próprio Deus,*

*Sendo-o também  
aos homens todos,  
que não se uniram  
em gerações*

Pureza, pois, a ser conquistada. Não a “pureza antiga”, em que não acredita, mas não tem força para rejeitar (para *negar*). Pressente que a “nova pureza”, por que sua alma (não o corpo) aspira, há — de respeitar sua condição terrestre; pressente mais: que somente ao conseguir essa pureza, será fiel “ao próprio Deus”. Essa “pureza antiga”, êle vê bem, quando a classifica de “tão ideal / que nos odeia”. Nega que seja o próprio corpo que nêle anseia por essa “nova pureza”, (conquistada por êle), porque —

*... há no corpo  
um permanente  
medo de ser  
o que não foi (pp. 58/59).*

A “essência primeira” — descobre êle no poema seguinte: “A liteira” — não descobre “o jeito / de a ver inteira” (p. 61). Não se identifica com ela (no poema anterior, referiu-se a “não sei que estranha / pureza antiga...”); sente que ela o aliena de si mesmo, no ser que pressente, deve conquistar. Na liteira, se é levado, conduzido: por isso pergunta, nesse poema, se está direito, dentro dessa tal essência (primeira),

*... ou já à beira  
de uma outra essência, perfeito  
numa outra esteira*

*Mas indo e vindo, me deito  
por fim junto à minha eira:  
percebo que estou num leito,  
que é uma liteira (p. 61).*

*Só por legarem  
uma pureza,  
que é tão ideal  
que nos odeia (pp. 58/59).*

Quer dizer: não se decide a romper com a sua “essência primeira”; termina deixando-se carregar... Constatamos, no poema seguinte (“Desembarque”):

*A coisa que fui, ainda  
sou, mas já excessivamente (p. 63).*

Lá, onde vê “a praia linda”, confessa que está “pouco presente, / porque a água exata finda / onde a terra é mais ausente”. Mas leiamos a quadra final dêsse poemeto (cujo título já é significativo, pelo “Desembarque” que implica):

*Só me resta (resta ainda?)  
Salvar-me tardiamente,  
sendo o que não sou... Bem-vinda  
a pouca essência de gente!*

(Será que não compreendeu, P. Armindo Trevisan, que não poderia “salvar-se”, sendo o que não é?... ) E isso que reputa “excessivo”, nêle — e não se quadra ao figurino, àquilo que reputa ser a nossa “essência primeira” — é ao contrário o distanciamento que permite o salto... É realmente em terra que lhe cumpre desembarcar, e não nessa “praia linda”, onde não se encontra mais.

Teme o mundo, na medida em que êste o atrai (como é natural). A alma, nêle, briga com o corpo...; não lhe permite viver. No mundo, onde se nasce, e onde se morre... êle gostaria de estar — mas não apenas com a alma do lado de fora, acuada pelo corpo:

*uma alma que vive fora  
e que de si se enamora,  
meio pura, meio nua;*

*Que se embuça no casulo  
apenas para sair,  
para brincar no porvir,  
póstuma até no seu pulo.*

*É grande, mui grande pena  
simplesmente estar-se aí,  
(onde nunca me vivi  
e o que vivo me envenena) (p. 65).*

Aí está todo o problema: a fuga ao mundo é ao mesmo tempo uma fuga ao presente, que se vê adiado a todo momento. É uma recusa à vida — que ao mesmo tempo envenena por ação de simples contágio: “e o que vivo me envenena”. Reivindica-se a si próprio: ao ser que não se criou, nêle. Sente-se que “é chegado o tempo” de ser si próprio. Veja-se o poema “O Êxtase”, que bem expressa essa decisão (até que ponto consciente de si mesma?). Mas é preciso ler todo o poema. Ei-lo:

*É chegado o tempo  
de me abandonar  
ao meu próprio seio  
que é duro e carnal,*

*Como toda coisa  
que não se repete,  
e em si se concentra  
riquíssima e só;*

*É chegado o tempo  
de eu deixar de ser  
a força dos outros,  
para ser a minha,*

*de fundir-me comigo  
em profunda doação,  
de evadir-me também  
da minha lucidez,*

*Para ser tão-sòmente  
a minha comunhão,  
que não se faz no ar,  
mas em algo de sólido;*

*É chegado o tempo  
de me fazer confiança,  
apesar da embriaguez  
que já me embotou,*

*Apesar do dado  
que me coagiu  
apesar do ganho  
na minha cisão...*

*É chegado o tempo  
do grande retôrno,  
da tenda dobrada,  
do forno gelado,*

*Da hora sem pressa,  
da via vazia,  
da flecha parada,  
da mão ociosa.*

*É chegado o tempo  
de uma tão grande síntese,  
que eu já não sinto o Mundo  
senão no que êle tem*

*de menos planetário,  
de menos genealógico...  
É chegado o tempo  
de eu ser com exagêro*

*Tudo o que possa ser,  
mas com tal violência  
que por primeira vez  
eu me engane de Mundo*

(pp. 69/70).

Quem é, no “Canto da Esfinge”, — “a casada que elimina / a própria essência da núpcia”? (p. 76). Ou seja, a casada que não casou, de fato, que não se entregou ao marido? — Êle mesmo responde: “A mulher não feminina, / a intangível sem pelúcia.” — Mas quem?...

*Sou a que no vosso tato  
é a mais assídua, a que tem  
convosco o menor contato:  
e sendo-vos, é ninguém (p. 77).*

Casamento imaterial. Núpcias no céu (apenas). Imponderável entrega — da mulher que recusa uma forma, não aparece como corpo...

Vejam esta queixa, do ausente do mundo... Dói-lhe pensar que não faz parte do “alegre mundo”:

*Eu morrerei  
me desculpando  
diante dêle  
de ser diverso*

*(Como me dói  
só de pensar-me  
ausente dêle,  
em outro Mundo!) (p. 79)*

Mas morrerá uma tal morte, como frisa, “à parte de (si)”; não se identificará consigo mesmo na sua morte. Será outro que morreu. Mas o mundo, não o saberá (de tal forma êle não o viveu). E então,

*Então, Espírito  
ou o que fôr,  
me achegarei  
dêle, sorrindo,*

*E o beijarei  
com tanto ardor  
que, eternamente,  
lhe ficará,*

*Na face imensa,  
o meu sinal  
de criatura  
agradecida (p. 80).*

É o mundo “natural” que Armindo Trevisan tende a minimizar — mais do que isso: a negar — na sua poesia. Sofre as conseqüências disso. As exigências da Natureza o acoçam, não lhe dão trégua: criam o conflito, ou os conflitos, de que já falamos. Ele parece esquecer que desde a Antiguidade se reconhecia (ver, por exemplo, em Pitágoras) a Mulher, como representante da Natureza, na ordem humana; e que a imagem perfeita de Deus não é o Homem só, mas o Homem e a Mulher. Por ter esquecido esses elementos básicos de toda a tradição iniciática, Armindo Trevisan se perde numa negação inconsiderada de tudo o que é forma, corpo, e pode ocultar a Mulher...<sup>2</sup>. Quer buscar a salvação num princípio *puramente ativo*, num Deus que dispense a Natureza, ou que a contenha no seu seio, sem precisar gerá-la na multiplicidade das formas terrestres, astrais, cósmicas.

“Tenho medo dos corpos”: confessa, no poema “Prenúncio”. E acrescenta: “Fujo do corporal / que me quer engolir. / Já vislumbro o momento / em que minha própria alma / não quererá o meu corpo” (p. 87). É possível confissão mais clara? Corpo e alma se estranham, não conseguem viver juntos. E então se vê o poeta fugir do próprio corpo, como o diabo da Cruz... Mas é a sua própria alma, como anuncia, que terminará não querendo o seu corpo. Repudiando-o. Ascese máxima, — ablação total — contra a qual ele mesmo se insurge (embora não pareça ter descoberto ainda que o faz legitimamente). Como condição da própria sobrevivência.

Alternativa em que vive, expressa no “Dilema”: “do puro êxtase / ou da vertigem” (p. 94). Ou seja: o puramente espiritual, ou o só terrestre, que ele situa no Mundo. Alternativa por demais absoluta, que não poderia, como vimos, tranquilizá-lo. Veja-se ainda o que o poeta diz, d’*“A Grande Pureza”*, pp. 95/96.

O que é “mais simples”, e portanto *essencial*, para Armindo Trevisan, é o que há de menos próprio, “menos seu” (p. 95). Pertencemos à categoria do “complexo”, do que se vai urdindo, no processo da vida e da cultura, ousando ser o que se é. Passando pelas várias etapas de si mesmo. Esse, o saber que nos estrutura e nos une. Do contrário, fica —

*Apenas o que foi pôsto  
no que Deus me concedeu,  
e que eu morro. Apenas ex (p. 95).*

Para não se interessar pela Mulher, declara-a “a imensa / irrealidade que sois, / vós que sois tão de tato” (p. 101). E completa: “Interessa-me (sôbre / tôdas as outras coisas) / aquilo que a nudez / tem de menos visível” (p. 101). O que é que a nudez tem de menos visível?

O que é nu está à mostra: se dá. A nudez cobre... o corpo. É a pele que o reveste, e contém os poros pelos quais a vida circula. É a nudez que permite o contato (vivo) dos corpos — e que os entrelaça, no ato do amor. É uma nudez virgem de outro vestimento senão o corpo do (outro) ser amado.

À p. 105 (em apenas cinco quadras), o poeta repete dezesseis vezes a palavra nudez. Porque ela é importante. Precisa invocá-la. Aparece 21 vezes na “Nudez Septenária” (não contando o título). Aparece em cada um dos três primeiros versos de cada quadra. É uma técnica de repetição envolvente, que ele emprega — algo que o faz abraçar (e ser abraçado pela) nudez, nas suas diversas formas: “a nudez apressada” (“que cobre / a Amada”), “a nudez demorada” (“que enfeita / a pausa”), “a nudez quase fixa” (“que se insere / entre os amantes”), “a nudez estática” (“que ignora o Amor”), “a nudez sem espaço” (“que divide / o enlace”), “a nudez sem tempo” (“que sustenta / a memória”) e “a nudez eterna” (“que acaba em Deus”).

É uma verdadeira obsessão da nudez, “tanto a solitária como a comum”, desde que “amorosa” (p. 109). A nudez se esconde, sob as vestes; e o avêso do vestido, é o encontro do corpo: “... o avêso / não é o vestido virado, / e sim o simples comêço / De um lado que ele não cobre / e que punge o corpo inteiro”, etc. (p. 108). Então, o que se vê, se oculta — e no entanto é visível... é visível “no que nêle não se vê”. A nudez se esconde, no corpo da mulher, como um recato, um segredo “quase esotérico” (p. 110).

Há toda uma dialética na sua poesia, sôbre o que se vê, e, sendo visto, se oculta... Com isso ele descobre, poeticamente, o que a nudez tem de mais próprio — que é aquilo que ela oculta e revela, deixa ver e esconde, mostra e sonega... Como visão, desaparece: é um comêço, ou uma promessa. O puramente apolíneo (que se dá na aparência) não é suficiente para revelar o nu (o nu que, em Drummond de Andrade, é “cortina de outro corpo / jamais apreendido...”) Por isso o vemos proclamar:

*Nudez bem cheia  
sempre termina  
se destruindo  
na própria teia,*

*porque o avistado  
que é sempre próximo  
tem sempre um lado,  
que é o outro lado (p. 111).*

A nudez é completa em si mesma: como que auto-suficiente na sua inteireza. O corpo, diz o poeta, "só é corporal e inteiro / no que nêle não se vê" (p. 108). Portanto, naquilo que o impulsiona. Isto está expresso num dos "exercícios" da sua "Nudez Septenária": aquêle que denominou "Nudez 6":

*O corpo deve  
no Amor ser nu  
mas é preciso  
nudez bem breve*

*Para que a flama  
muito se eleve  
não se perdendo  
no que a derrama*

*Nudez bem cheia  
sempre termina, etc.*

A nudez tem de ser "breve" (ou "apressada", como diz de início). O que é a "flama", a que se refere o poeta? É aquela cuja "temperatura" aquece o corpo, e incendeia os amantes. Já se vê que o poeta emprega uma linguagem elítica: sugere apenas, em vez de dizer ou evocar. E o "outro lado" do que se avista, no corpo nu, é aquilo que "inflama" o amor.

Ei-lo que conclui:

*O Amor fica triste  
se a nudez bem-vinda  
em si mesma consiste  
pois não é mais linda*

*A nudez só é bela  
quando se abrevia,  
de sorte que o Amor  
nem precisa dela (p. 112).*

Noutras palavras: a nudez é "um pórtico", apenas: convite para algo mais, promessa de algo cheio, que êste sim, *se dá* no amor (= não apenas "se vê" ou é visto).

Aspira a uma nudez insexuada, "involuptuosa": a uma nudez virgem, que teria sido —

*Não sei bem quando,  
e menos, onde,  
(a minha ciência  
é só consciência*

*De havê-la tido  
à revelia  
do que me veio  
como um excesso) (pp. 131/2).*

Essa nudez é —

*Do próprio Espírito  
que não tem sexo,  
podendo assim  
ser tão-sòmente*

*Nudez de coisas,  
nudez-verdade,  
nudez adulta  
e autobiográfica (p. 131).*

Uma nudez impossível, já se vê. Nudez, em todo caso, que o homem não pode "conceber". Nudez do Espírito puro de qualquer mescla, — e que por isso seria, êle próprio, inapto para criar... Essa inocência — pois é a isso que êle aspira — totalmente desencarnada, se revela estéril. E incapaz de aplacar a sua sêde — e a sua fome. Êle mesmo o diz, em versos que é preciso "abrir": sem essa "grande nudez", insexuada, do próprio Espírito, diz êle —

*Sem ela, em vão  
eu tentaria  
o meu maior  
enjoio e graça,*

*Que não consiste  
em anelar  
mais consciência  
ou mesmo ciência,*

*Mas em buscar  
essa inocência  
só racional  
e imerecida,*

*A qual me basta  
para lograr  
agora mesmo  
o meu destino*

*Quase ridículo,  
e todavia,  
(desde que existo)  
apoio e força*

*Da própria Fonte  
que se demonstra  
mais pela sede  
— alheia a si,*

*Fragil e curta —  
do que por sua  
fluência forte  
e inesgotável (pp. 132/3).*

O poeta se queixa, quase sem se dar conta (ou deixar ver): quando proclama “imerecida” essa inocência, que no entanto exalta. Sim, a sua inocência, é a sente como um castigo, imerecido. Pois — acrescenta — sua inocência lhe basta, para lograr o seu destino “quase ridículo”. Essa inocência — proclama ainda — é “apoio e força / Da própria Fonte / que se demonstra / mais pela sede (...) / do que por sua / fluência forte / e inesgotável”. É dizer que essa Fonte não dessedenta.

Fala do “seu” Pecado. Pecado que —

*Ninguém jamais,  
(Nem eu que o tenho)  
decifrará (p. 148).*

É um Deus demasiado distante — e vingador — que éle adora. Digamos que é o Deus do Velho Testamento — não ainda o Deus cristão. Por isso mesmo, um Deus que não se descobre, mas se posta diante do crente, impedindo-o de viver. Veja-se esta sua “Imploração” (onde o drama do poeta religioso é pôsto a nu):

*Estais muito longe  
da nossa tristeza  
a vossa Presença  
é oblíqua e severa.  
Por que não mostrais  
o vosso semblante?*

*Estais muito perto  
do que vos circunda,  
o átomo é vosso,  
a noite também:  
por que possuíis  
um Amor tão frio?*

*À Terra desceste  
com grande humildade,  
trouxestes um nome  
e um olhar mate:  
por que vos cerrais  
à nossa doçura?*

*Senhor, descobri-vos!  
É duro adorar-vos  
no enigma que muda  
e o coração magoa.  
Aceitai humilde  
o fato do Mundo (pp. 165/6).*

Tudo, para éle, se “resolve” em Deus. O que sobra para o homem? O importante é saber o que é que Deus “quer que eu vá sendo” — tal como se expressa no poema “Santidade” (p. 169). Essa imolação total de si mesmo, não o mutila, mas o mutila. *A Surpresa de Ser* é um livro de alguém mutilado pela própria fé, mal compreendida. Alguém que termina se exaltando a si mesmo, sem dar frutos. Vejam, na parte final do poema citado, como éle termina amando *tudo* de si mesmo, em nome de Deus; e como termina, também, aspirando por uma humanidade que se nega a si mesma:

*A Santidade  
que eu procuro  
é meramente  
um pequenino*

*Amor de tudo,  
no qual eu possa  
amando o resto  
já não amar*

*De mim senão  
aquela parte,  
ou antes, tudo,  
pois sou também*

*Não o que sou  
mas o que Deus  
quer que eu vá sendo,  
sem pressa alguma.*

*A Santidade  
por que suspiro  
é simplesmente  
a intrepidez*

*De me situar  
onde não posso  
— senão, em Deus —  
ser mais humano (pp. 168/9).*

Aparentemente, estamos diante de uma humildade franciscana. Mas não há tal. O poeta se aplica a amar “o resto” (portanto, o que não é nada “amável”); e deixa as reservas de amor para si mesmo.

Donde se conclui que a batina lhe faz mal. Não há “surpresa de ser”, no seu livro, senão do que não se é: uma surpresa fictícia, portanto, embora sinceramente vivida. Quer dizer que o conteúdo de sua poesia é fingimento? Não; é drama do que se imagina ser, com base na experiência do que se tem como verdadeiro. Imagina que tudo quanto nele é vida, sentimento, impulso existencial, não passa de Pecado, ou — para usar uma palavra que o define — “excesso”. Entende que esse excesso lhe é exclusivo, obra sua, apenas, e como tal lhe cumpriria reprimir. O homem é um ser “excessivo” (excesso de Deus, “que desabrocha / em criatura”, p. 183). Mas esse excesso, em vez de ser apropriado pelo homem, que se realizaria através dele, passa a ser, mais propriamente, o que o homem tem demais (e portanto deve ser extirpado). Há, sem dúvida, ambivalência no sentir do autor, a esse respeito: no poema “Difusão”, p. ex., ele proclama “querer / esse excesso, que vem de Deus” (p. 183). Mas a nota dominante é a condenação do excesso, ou seja, daquilo que define a criatura, ou que lhe é dado para ser.

---

1. Armindo Trevisan, *A Surpresa de Ser*, José Álvaro, Editor, Rio de Janeiro, GB, 1967.

2. O uso reiterado da palavra “carne” é bem expressivo do conflito, rigidamente dualista, em que o poeta se dilacera. A carne é o “que punge o Corpo inteiro” (p. 108).